

Resumo: O autor começa lembrando o percurso desde o Relatório do Sínodo de 2014 ao Documento preparatório do Sínodo de 2015. Sintetiza a primeira parte do Documento, sobre “os desafios atuais da família” e, depois, a segunda parte, “o discernimento da vocação familiar”. Conclui com a terceira parte, sobre “a missão da família hoje”, e lembra, por fim, a “lei da gradualidade”, entre o ideal e o possível, além de destacar “muitas continuidades” nesse caminho sinodal.

Abstract: The author begins recalling the previous endeavors since the report of last year’s Synod until the preparatory document for the Synod of this year. It synthesizes the first part of the document concerning the “present challenges of the family” and in the second part deals with the “discernment of the vocation for the life in the family”. The conclusion is concerned to set forth an analysis of the third part dealing with the “mission of the family today” and recalls finally the law of “gradual growth” between the ideal and the possible advancement, stressing furthermore “lots of continuities” along the road of this Synod.

O Sínodo da Família: da *Relatio Synodi* ao *Instrumentum Laboris*

Um caminho sinodal de muitas continuidades

*Edson Adolfo Deretti**

* O autor é presbítero diocesano de Joinville, SC; mestre em Teologia Moral; bacharel em Teologia e licenciado em Filosofia; professor da FACASC e no Centro Universitário – Católica de Santa Catarina, em Joinville; reitor do Seminário Diocesano Divino Espírito Santo em Joinville.



Introdução

Da *Relatio Synodi* aos *Lineamenta*

Em 09 de dezembro de 2014, foram publicados os *Lineamenta* à XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo, a ser celebrado de 04 a 25 de outubro de 2015, com o tema “A vocação e a missão da família¹ na Igreja e no mundo contemporâneo”.

Em outubro de 2014, por ocasião do término da III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos acerca do tema “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização”, o papa Francisco tornou pública a *Relatio Synodi*, “[...] documento com o qual se encerraram os trabalhos sinodais²”. Os *Lineamenta* são essencialmente constituídos por esta *Relatio*, redigida pela assembleia sinodal. Porém, a fim de facilitar a sua recepção e a sua compreensão, quarenta e seis perguntas acompanharam o texto da *Relatio*³. Nesse sentido, afirmou o papa:

As reflexões propostas, fruto dos trabalhos sinodais que tiveram lugar em grande liberdade e segundo um estilo de escuta recíproca, tencionam levantar interrogações e indicar perspectivas que deverão ser amadurecidas e especificadas pela reflexão das Igrejas locais ao longo do ano que nos separa da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos⁴.

Três são as partes que constituem os *Lineamenta*, e estas mostram a unidade entre a fase extraordinária e a ordinária do Sínodo:

- 1) A escuta: o contexto e os desafios sobre a família;
- 2) O olhar sobre Cristo: o Evangelho da família;
- 3) O confronto: perspectivas pastorais.

O texto final dos *Lineamenta* é, então, em grande parte, fruto da *Relatio*. Amplas partes desta foram confirmadas e enriquecidas nos

¹ Ao longo de todo este artigo, ao se falar de família fala-se da célula base de qualquer sociedade, constituída pelo pai, pela mãe e pelos filhos – conceito estabelecido a partir do período moderno, atualmente tão criticado.

² SÍNODO DOS BISPOS. *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo – Lineamenta*. Paulinas: São Paulo, 2015, p. 03.

³ As respostas deveriam ter sido encaminhadas à Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos até o dia 15 de abril de 2015, para assim poderem ser estudadas e valorizadas na preparação do *Instrumentum Laboris* do Sínodo, a ser publicado até julho.

⁴ SÍNODO DOS BISPOS. *A vocação e a missão da família...*, p. 03.



Lineamenta, concordando assim com o que acima foi dito a respeito de um caminho sinodal de muitas continuidades.

Dos *Lineamenta* ao *Instrumentum Laboris*⁵

No dia 23 de junho de 2015, apresentou-se o documento base para os trabalhos da XIV Assembleia Geral Ordinária dos Bispos, o *Instrumentum Laboris*. Dividido em três partes, segue basicamente – mas com novidades – a estrutura da *Relatio* e dos *Lineamenta*. Sendo esta a primeira vez em que os *Lineamenta* de um novo sínodo reafirmam textos precedentemente aprovados pelos Padres Sinodais, preferiu-se deixar inalterados os parágrafos que são da *Relatio*, reconhecidos tanto pelo número colocado entre parêntesis, junto com o número referente à nova elaboração, quanto pelo texto que segue em itálico.

Ao total, são 147 pontos e as três partes assim intitulam-se:

- 1) Ouvir os desafios da família;
- 2) O discernimento da vocação familiar;
- 3) A missão da família hoje.

De acordo com o cardeal Lorenzo Baldisseri, secretário geral do sínodo, muitas são as novidades presentes neste *Instrumentum*. Dentre as quais, destacam-se⁶:

- Na primeira parte: reflete-se sobre a família em meio aos contextos antropológico-cultural e antropológico-social, com um especial aceno, no número 16, aos desafios ecológicos (este ponto vem, hoje, melhor iluminado com a publicação da encíclica *Laudato si*⁷). E, nesses contextos, alguns dos grandes desafios da família: a pobreza, a exclusão social, a terceira idade, a viuvez, o luto em família, as migrações, o papel da mulher, a educação à sexualidade e a bioética.
- Na segunda parte: enriquece-se a *Relatio* com a ampliação dos seguintes temas: o matrimônio natural e o sacramental, a indis-

⁵ Cf. <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20150623_instrumentum-xiv-assembly_it.html>.

⁶ Cf. <www.press.vatican.va/content/salastampa/il/bollettino/pubblico/2015/06/23/0499/01085.html>.

⁷ FRANCISCO. Carta encíclica *Laudato si* – sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.



solubilidade matrimonial como dom e tarefa, a vida familiar, a união sexual e a fecundidade, a dimensão missionária, a fé, a oração, a catequese, a íntima ligação entre Igreja e família, os jovens e o medo do matrimônio, e a misericórdia.

- Na última parte: dentre tantos temas, aprofundam-se os seguintes: família e evangelização (a família como sujeito da pastoral, a liturgia nupcial, a linguagem renovada e a abertura missionária, entre outros); família e formação (a preparação ao matrimônio, a formação dos futuros presbíteros, a formação do clero e dos agentes da pastoral, entre outros); família e acompanhamento eclesial (o cuidado com os casais casados somente no civil ou que vivem as chamadas “uniões de fato”, o cuidado pelas famílias *feridas* – separadas, divorciadas não recasadas, divorciadas recasadas, monoparentais –, o perdão em família, a arte do acompanhamento, a nulidade do matrimônio, a integração dos divorciados recasados civilmente na comunidade, a via penitencial, matrimônios mistos e com disparidade de culto, a peculiaridade da tradição ortodoxa, e a atenção pastoral para com as pessoas com tendência homossexual); família, generatividade e educação (a transmissão da vida e o problema da diminuição da natalidade, a responsabilidade generativa, a adoção, a vida humana como um mistério intangível e o desafio da educação e o papel da família na evangelização).

O período intersinodal, segundo ainda Baldisseri, foi extremamente útil, permitindo não somente a recepção e o aprofundamento dos *Lineamenta*, mas ainda uma efetiva ampliação das temáticas relativas à família, graças ao envolvimento de uma grande porção do Povo de Deus e de numerosas instituições eclesiais e acadêmicas.

1 A primeira parte do *Instrumentum*: ouvir os desafios da família

A primeira parte do *Instrumentum* (dividida em quatro capítulos) apresenta basicamente o resultado do questionário enviado pela secretaria do Sínodo a todas as conferências episcopais, aos dicastérios e a tantas outras instituições que, por direito, puderam responder às 46 perguntas propostas nos *Lineamenta*.



Fala-se da família no contexto antropológico-cultural no *primeiro capítulo*. Neste, ressaltam-se as transformações antropológicas e sociais pelas quais a família vem passando, chamando a atenção o fato de que apenas “*uma minoria vive, sustenta e propõe o ensino da Igreja Católica sobre o matrimônio e a família, reconhecendo nesta a bondade do projeto criativo de Deus*” (7). Isto é um dado alarmante, pois significa que – como no caso de tantos outros valores – existe uma grande diferença entre o reconhecimento teórico do valor do matrimônio e da família e sua realização prática, ainda mais num contexto onde, até há pouco tempo, ao menos em teoria, matrimônio e família tinham um importante reconhecimento teórico. Mas não somente os matrimônios religiosos diminuíram, também os civis estão em queda; por outro lado, aumentam as chamadas “uniões de fato”, bem como o número de divórcios. Isto porque, num contexto onde tudo parece ser líquido, poucos são os jovens que conseguem pensar em assumir um compromisso definitivo, bem como poucos são ainda os esposos que não pensam diretamente no divórcio quando vivem alguma crise ou dificuldade na vida conjugal. Ao se ressaltarem demais os direitos individuais, esquece-se a comunidade familiar; enfatiza-se a satisfação dos próprios desejos, como se estes fossem os únicos e os essenciais à realização plena da pessoa.

Além disto, outro fruto negativo do individualismo, apontado pelo *Instrumentum*, vem a ser a separação entre a vivência do ato sexual e a procriação, causa direta do decréscimo do número de nascimentos em tantas nações. A lógica do dom vem, há tempo, perdendo espaço à lógica do prazer e do interesse. O filho, o dom mais precioso do matrimônio (cf. GS 50), reduzido a um objeto, tem sua dignidade negada, mesmo quando, em nome de um pseudodireito, é concebido a “todo custo”, como se todos os meios pudessem justificar a sua vinda ao mundo.

Apesar das tendências que querem alargar o conceito de matrimônio, de família e de paternidade/maternidade (como a ideologia de gênero), o *Instrumentum* afirma a urgência de políticas públicas em favor da família tradicionalmente concebida. Esta não pode ter seu sentido, sua missão e sua vocação, negados. A confusão em torno destes conceitos, bem como a afirmação de que qualquer um, independente da identidade sexual biológica e psicológica, pode assumir a identidade sexual que bem quiser (como se esta fosse apenas resultado de uma escolha pessoal), mascara os interesses de um pequeno grupo que busca a afirmação de uma nova cultura a partir da desconstrução das grandes instituições da humanidade, como a família e a religião. Em função disso tudo,



este primeiro capítulo termina afirmando que a família é fundamental à comunidade humana (não deveria ela ser proclamada patrimônio da humanidade?) e, em função disto, faz-se necessário protegê-la, a fim que possa fortalecer-se e reassumir a sua vocação.

“*A família e o contexto sócio-econômico*” é o título do segundo capítulo. Depois de se afirmar que a família é uma escola de humanidade (cf. GS 52) e será sempre “*o pilar fundamental e irrenunciável do viver social*” (11), o texto sublinha a necessidade de políticas familiares adequadas, pois tantos são os desafios sócio-econômicos pelos quais ela passa:

- a) O desafio da solidão e da precariedade: a solidão é vista como consequência do afastamento de Deus e das frágeis relações entre os membros da família. Neste mesmo parágrafo fala-se da crescente pobreza e da precariedade laborativa, vivida tantas vezes como um pesadelo. E, não fosse apenas isto, existe o sentimento de abandono por parte daqueles que deveriam zelar para que, em nível sócio-econômico, tudo pudesse concorrer para o bem comum;
- b) O desafio econômico: fala-se dos salários insuficientes, do desemprego, da falta de um trabalho digno, da insegurança econômica, da escravidão e do tráfico de pessoas. Além disso, menciona-se a chamada “iniquidade econômica”, que impede a família de crescer. Isto só poderá ser mudado com uma mudança estrutural de toda a sociedade (14);
- c) O desafio da pobreza e da exclusão social: não somente a pobreza econômica, bem como a cultural, pode impedir a realização do projeto de vida familiar adequado à dignidade da pessoa. Infelizmente, o sistema econômica atual produz diversas formas de exclusão, e tantos destes excluídos são “invisíveis” aos olhos da sociedade. Existe, então, uma “invisibilidade sistemática” desta exclusão que enfraquece e ameaça a dignidade de todos os membros da família;
- d) O desafio ecológico: este deriva do insuficiente acesso, por parte de muitas populações, à própria água; além do mais, o *Instrumentum* cita a degradação ambiental, a fome, a desnutrição, as terras improdutivas e devastadas, e a cultura do descarte, como situações que pesam nas dinâmicas da vida familiar. Como contraproposta, a Igreja sugere um grande mudança no sistema mundial, através de “*uma cultura ecológica capaz de*



elaborar um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade. Uma vez que tudo é intimamente conexo, faz-se necessário aprofundar os aspectos de uma 'ecologia integral' que inclua não somente as dimensões ambientais, mas também aquelas humanas, sociais e econômicas, para o desenvolvimento sustentável e a proteção do criado" (16).

O seguinte capítulo intitula-se “*Família e inclusão*”. A reflexão inicia-se com a temática da terceira idade e se prolonga nos desafios a ela atinentes, como o luto e a viuvez. Além destes, ainda são apresentados como desafios: a inclusão das pessoas com deficiências e a inclusão dos migrantes. Faz-se, ainda, um aceno aos chamados “desafios peculiares”: a prática da poligamia, o matrimônio por “etapas”, os matrimônios combinados e os matrimônios mistos (28). Terminando o capítulo, os últimos dois pontos falam das crianças – das que nascem fora do matrimônio, das que são criadas por apenas um dos genitores (geralmente a mãe), das que crescem longe dos seus pais – e do papel das mulheres. Constatou-se que estas, tanto nos países desenvolvidos quanto nos em desenvolvimento, passam por grandes crises, advindas dos chamados processos de emancipação. Por outro lado, afirma-se que as mulheres têm um papel importantíssimo na Igreja e que a elas pode-se e deve-se confiar mais responsabilidades.

Por fim, com o título “*Família, afetividade e vida*”, este último capítulo sublinha a importância da família na formação à afetividade. Além disso, fazem-se acenos aos desafios provenientes da revolução biotecnológica, à possibilidade de separar a procriação da relação sexual entre um homem e uma mulher e à tendência a considerar a vida humana e a genitorialidade, realidades sujeitas aos desejos pessoais. Sendo assim, todas estas novidades exigem da pastoral boas respostas, a partir de uma “*palavra de verdade e de esperança*” (35). Consequentemente, muita atenção deve-se dar à formação dos jovens para o matrimônio e ao acompanhamento dos casais recém-casados, bem como àqueles que se encontram “distantes” da Igreja. Em especial, estes últimos não podem considerar-se excluídos: “*trata-se de pessoas amadas por Deus e que estão no coração do agir pastoral da Igreja*” (36).



2 O discernimento da vocação familiar: a segunda parte do *Instrumentum*

Três são os capítulos que compõem a segunda parte do *Instrumentum*:

1. Família e pedagogia divina;
2. Família e vida da Igreja;
3. Família e caminho em direção à sua plenitude.

O pano de fundo destas reflexões são os desafios apresentados nos capítulos anteriores, em particular a contradição entre o desejo de família por parte dos jovens e a crise difusa da instituição familiar, fazendo com que muitos prefiram as convivências e uniões de fato⁸.

De acordo com Bruno Forte⁹, o texto não tem a intenção de responder em tom moralista ou polêmico aos desafios apresentados. Tenta, à luz da revelação, propor a beleza e a importância da família. Neste sentido, reafirmam-se as intuições do Vaticano II, onde a família vem afirmada como escola de humanidade (cf. GS 47-52). Dirá, porém, o *Instrumentum*: não somente escola de humanidade, mas também de socialidade, de eclesialidade e de fé.

Sem menosprezar os aspectos positivos do matrimônio natural (40), sublinha-se a riqueza e a importância da indissolubilidade matrimonial (42) e do amor conjugal sempre disposto a acolher o dom preciosíssimo do filho (45). A família, assim fundada no sacramento do matrimônio, é tida como “boa nova”, evangelho que a Igreja é chamada a anunciar com convicção a todas as pessoas de boa vontade, ciente que nela se reflete o rosto trinitário de Deus.

Como protagonista da ação pastoral, a família é caminho da Igreja (49) e, como tal, é chamada a nutrir sua fé por meio da oração e da catequese, a fim que, a partir dos esposos, possa ser dado um testemunho autoritativo e alegre do viver juntos.

Neste sentido, não se pode esquecer o caminho gradual ao qual os esposos estão chamados, em direção à plenitude. Porque é gradual, neste caminho não pode faltar a misericórdia – que é uma verdade revelada

⁸ Cf. <<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2015/06/23/0499/01085.html>>.

⁹ Cf. *Ibidem*.



(68) –, principalmente àquelas famílias mais feridas e frágeis, onde são maiores as dificuldades para se fazer este caminho gradual.

Por fim, ao final do terceiro capítulo, apresenta-se um empenho particularmente importante: o de ajudar os jovens a não terem medo do matrimônio (65-67).

3 A última parte do *Instrumentum*: A missão atual da família

Esta parte, a mais desenvolvida do *Instrumentum*, é constituída de quatro capítulos, num total de 78 pontos (dum total de 147, corresponde a aproximadamente 55% do documento).

O primeiro capítulo refere-se ao desafio da evangelização. Nesta tarefa, a família tem papel preponderante como sujeito evangelizador. A evangelização, todavia, só pode iniciar-se a partir do momento em que, na família, faz-se a experiência da ternura de Deus, a partir da Palavra, fonte de vida espiritual: “*ternura quer dizer dar com alegria e suscitar no outro a alegria de sentir-se amado*” (70). Assim, a família é evangelizada e pode evangelizar.

Para tudo isto ocorre ser formado: aqui entra a responsabilidade da família no âmbito da formação (segundo capítulo). Uma boa formação faz a diferença, ainda mais quando os desafios apresentados são complexos e até desanimadores. Ninguém deve fugir a esta formação: agentes de pastorais, presbíteros, futuros presbíteros, dentre outros, precisam se preparar bem para poderem acompanhar a vida familiar, promovendo-a em todas as instâncias da sociedade.

Em especial, sublinha-se a necessidade de um acompanhamento muito próximo dos noivos e dos casais nos seus primeiros anos de matrimônio (94-97). Todavia, este acompanhamento eclesial não deve limitar-se apenas a esses destinatários. Por isso, no capítulo terceiro, intitulado “*Família e acompanhamento eclesial*”, ressalta-se a necessidade de a família em geral ser destinatária deste acompanhamento, seja no caminho em direção ao matrimônio (100-103), seja na educação ao exercício cotidiano da recíproca acolhida e do perdão (104-105), tudo isto nutrido pelo “grande rio” da misericórdia divina (106-108).

Neste contexto, a arte do acompanhamento (109-111) aparece como um aspecto fundamental da ação pastoral frente à realidade das



famílias, principalmente daquelas onde se pode mas não se quer celebrar o matrimônio religioso, bem como daquelas mais feridas (separados, divorciados não recasados, divorciados recasados, famílias monoparentais). Independentemente da situação, a todos deve-se anunciar que Deus jamais os abandonará (113).

Dos pontos 114 ao 132, reflete-se sobre a nulidade matrimonial, a formação dos que trabalham nos tribunais eclesiais, a integração das pessoas civilmente divorciadas na comunidade cristã, a via penitencial, a comunhão espiritual, os matrimônios mistos e com disparidade de culto, a peculiaridade da tradição ortodoxa e a atenção pastoral às pessoas com tendência homossexual. Com certeza, esses pontos deverão ser muito refletidos no Sínodo, uma vez que, nestas feridas abertas, o sangue de Cristo continua a escorrer. Da Igreja pede-se e espera-se um remédio que possa, se não totalmente, mas ao menos o máximo possível, curar tais chagas e, ao mesmo tempo, evitar que outras sejam abertas.

“Família, generatividade, educação” é o título do quarto capítulo desta terceira parte. Aqui se fala da família à luz da lógica do dom. Por isso, afirma-se com tanta veemência a necessidade de se propor o dom no lugar do interesse e do domínio. A partir de tal lógica, o casal acolhe o filho mesmo quando este vem sem ser esperado e, na impossibilidade de ser gerado, vem acolhido por meio da doação (138). Entrementes, não basta acolhê-lo como um dom: como um dom, o filho também deve ser educado (142-146).

Palavras finais

Há algum tempo começou-se a redescobrir, na teologia moral, a chamada “lei da gradualidade”. Existe o ideal, proposto pela norma, mas a esta se chega, em muitas situações, devagar e paulatinamente. Já em outras situações, infelizmente ao ideal não se consegue chegar, tantas vezes não porque não se quer, mas porque não se consegue.

Em muitas famílias, o ideal do matrimônio é vivido; em muitas outras, não: ou porque não se quer, ou porque não se pode. Aos que vivem o ideal, a Igreja os confirma; aos que não querem vivê-lo, a Igreja os admoesta como uma mãe; aos que não podem mais vivê-lo, espera-se que a Igreja os acolha, permitindo-lhes que consigam chegar o mais perto possível do ideal anunciado. Por isso, espera-se tanto deste novo Sínodo. A partir do papa Francisco, todo o mundo anseia pelas novidades



do Espírito e, à luz da Palavra, deseja ardentemente que, ao se reafirmar o caminho ideal, afirme-se também um caminho pastoral àqueles que não podem mais alcançar esse “caminho ideal”, mas ao menos podem tocar o seu limiar.

Referências bibliográficas

SÍNODO DOS BISPOS. *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo – Lineamenta*. Paulinas: São Paulo, 2015.

www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20150623_instrumentum-xiv-assembly_it.html

[www.press.vatican.va/content/salastampa/il/bollettino/publico/2015/06/23/0499/01085.html](http://www.press.vatican.va/content/salastampa/il/bollettino/pubblico/2015/06/23/0499/01085.html)

Endereço do Autor:

Rua Florianópolis, 915

89207-000 Joinville, SC

E-mail: p_edsonderetti@hotmail.com